



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARCELO VICTOR LUZ SOARES

**“APRENDEMOS OUVINDO COM A FORMA QUE NOSSOS MAIS VELHOS
ENSINOU”**: a Comunidade Quilombola Custaneira e seus ritos Afro-brasileiros

PICOS – PIAUÍ

2023

MARCELO VICTOR LUZ SOARES

**“APRENDEMOS OUVINDO COM A FORMA QUE NOSSOS MAIS VELHOS
ENSINOU”**: a Comunidade Quilombola Custaneira e seus ritos Afro-brasileiros

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de licenciatura plena em história da Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Mairton Celestino da Silva

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S676a Soares, Marcelo Victor Luz
"Aprendemos ouvindo com a forma que nossos mais velhos ensinou" : a Comunidade Quilombola Custaneira e seus ritos Afro-brasileiros [recurso eletrônico] / Marcelo Victor Luz Soares - 2023.
41 f.
1 Arquivo em PDF
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHNB
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura em História, Picos, 2023.
"Orientador : Dr. Mairton Celestino da Silva"
1. Religiosidade afro-brasileira. 2. Quilombo. 4. Ancestralidade. 5. Comunidade Quilombola Custaneira - costumes e práticas. I. Silva, Mairton Celestino da. II. Título.

CDD 981.22

Emanuele Alves Araújo CRB 3/1290

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS JUNCO - PICOS/PI
Coordenação do Curso de História

**ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO DE HISTÓRIA – 30/08/2023**

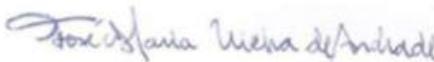
Às nove horas do dia trinta de agosto de dois mil e vinte três teve início a apresentação do TCC "**APRENDEMOS OUVINDO COM A FORMA QUE NOSSOS MAIS VELHOS ENSINOU**": a Comunidade Quilombola Custaneira e seus ritos Afro-brasileiros", regularmente matriculada no Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Piauí. A banca examinadora foi composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. **Mairton Celestino da Silva** (presidente) - Prof. Msc. **Emanoel Jardel Alves de Oliveira** (examinadora externa) e Prof. Dr. **José Maria Vieira de Andrade** (examinador interno). O TCC foi apresentado por meio da plataforma *Google meet*. Após a arguição, a banca examinadora conferiu à discente aprovação, com média de 10,0.

A presente ata tem **validade de 60 (sessenta) dias** a contar desta data, prazo-limite para a entrega do TCC e dos demais documentos necessários junto à Coordenação de História.

Na forma regulamentar, esta ata foi lavrada pela Comissão Examinadora, assinada pelos membros titulares e pelo discente.



Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva
Presidente



José Maria V. de Andrade
Examinador Interno

Prof. Msc. Manoel Jardel A. de Oliveira
Examinadora Externa

Documento assinado digitalmente
gov.br MARCELO VICTOR LUZ SOARES
Data: 07/11/2023 16:01:52-0300
Verifique em <https://validar.ri.gov.br>

Marcelo Victor Luz Soares
Discente

Ao povo da Custaneira, aos encantados e ao ancestral Inácio Ferreira, agradeço pelas trocas e pelos aprendizados.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo aos donos desse trabalho, ao povo do Quilombo Custaneira, em especial a Pai Naldo, seu Doutor Gagá e Dona Rita. Através deles fui o “cavalo de santo” responsável pela transmissão dos relatos orais e dos aprendizados por meio do contato com a comunidade.

Em seguida agradeço e saúdo toda encantaria presente no território da Custaneira, a meu pai Oxóssi, dono das matas e da força do terreiro, a família de Légua Boji Buá da Trindade, em especial ao mestre da Custaneira, senhor Lourenço Légua Boji Buá Ferreira da Trindade e a seu Joaquim Légua Boji Buá da Trindade, a entidade a qual eu trabalho e que me ensinou a amar essa família de encantados diretamente das matas e da encanteira codoense.

A minha família, agradeço o apoio e as negações, sem elas eu não teria ganhado o impulso de mostrar que eu era e sou capaz de realizar meus sonhos, agradeço a minha matriarca, minha maior inspiração, vovó Francisca, a quem devo todos os átomos do meu corpo, minha vida e minhas batalhas.

A minha mãe Gilvana e ao meu padrasto Daniel, a minha tia, primas e demais familiares próximos a mim, aqui abro um espaço para agradecer de forma especial a meu padrinho/pai José Antônio da Luz (*in memoriam*) a ti agradeço por toda força e coragem que me transmitia em apenas um olhar, sempre terei você em meus pensamentos, tudo que eu consegui será também por você, te amo.

Agradeço, também, a minha madrinha e meu padrinho de fogueira, madrinha Suzani e padrinho Júnior, uma segunda família que surgiu para somar e me dá gás nos momentos mais difíceis da minha vida, na casa deles sou Marcelo, na forma mais pura e verdadeira.

A Joyce, por me mostrar cada cantinho da UFPI e por me incentivar desde o primeiro período a seguir na pesquisa.

A Karem Suelem, Flávio Leão, Pedro Henrique e Ítalo de Moura, obrigado por serem minha família, meu alicerce e minha fonte de riso desde o ensino médio, sem vocês eu não estaria escrevendo esses agradecimentos, obrigado por terem me escutado, me apoiado e por sempre estarem dividindo todo peso do mundo, amo vocês infinitamente.

Aqui, não poderia deixar de agradecer aos meus irmãos de santo e parceiros fiéis que a espiritualidade colocou em minha vida, a Laisy Holanda, Carlos Erik, Jeisy Holanda e José Anderson, agradeço por toda confiança, apoio, risadas trocadas e momentos vividos, se a Custaneira vem me dando vários presentes desde o meu encontro com ela, vocês sem dúvidas fazem parte deles.

Ao Victor Hugo, por acreditar e me dar forças para seguir, seu apoio e seu afeto são de grande contribuição para mim, obrigado “Gigante”.

Nas encruzilhadas da graduação, pessoas incríveis atravessaram meu caminho, começo agradecendo ao meu grupo de amigos do Programa de Educação Tutorial - PET Cidade, saúde e justiça: João Rafael, Almir Gabriel e Alice, sem dúvidas vocês foram responsáveis por bons momentos e boas risadas, conhecer vocês foram um grande presente da graduação, espero que nossos afetos trilhem os mesmos caminhos pela vida toda.

Agradeço a minha tutora Ana Larissa Gomes Machado, pela força, pelo aprendizado, pelas trocas e por seu jeito meigo, silencioso e ao mesmo tempo muito acolhedor, obrigado por me ensinar a ser um profissional sério, a senhora é uma grande inspiração para mim.

Agradeço a Loysla Lara, Luana moura, Leneilson Sousa, João Matheus, Maria Raquel, Diego da Silva, Riquelmy Frank, Brenda Monise e aos demais amigos que dividiram essa trincheira ao meu lado, agradeço e emana toda vibração positiva no futuro de vocês, tenho total convicção que vocês serão profissionais de extrema excelência. A Ismênia e a Cícera por todos os lanches e todas as risadas dentro da lanchonete.

Agradeço ao meu orientador, Mairton Celestino, por ter me apresentado o campo da pesquisa desde muito cedo.

A Gleison Monteiro da Costa, por abrilhantar o percurso da graduação com suas aulas e falas essenciais, tenho o senhor como grande inspiração.

A Érica Lopo, Olivia Candeia e José Maria, agradeço por todo aprendizado. Por fim, deixo meu eterno agradecimento aos projetos de extensão e pesquisa, sem o fortalecimento da CAPES e do MEC, que me forneceram bolsa durante esse ciclo, eu não teria chegado aonde estou, a ciência é extremamente importante, necessitamos dela para esperar dias melhores para o futuro.

Os conhecimentos são como orixás, forças cósmicas que montam nos suportes corporais, que são feitos cavalos de santo; os saberes, uma vez incorporados, narram o mundo através da poesia, reinventando a vida enquanto possibilidade.

Luiz Rufino

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a existência das religiões afro-brasileiras, enquanto manifestações que moldam e constroem a vida, os costumes e os ensinamentos da comunidade Quilombola Custaneira, no que tange as festividades, ensinamentos passados de geração para geração e as práticas com o manuseio de ervas farmacológicas na comunidade. Através das entrevistas orais coletadas no quilombo procuramos entender como essa relação com a terra e seus encantados constroem o *ethos* daquele povo. Nesse caso, para o desenvolvimento do trabalho discutimos com autores como: Clifford Geertz (1989), Flávio dos Santos Gomes (2015), Beatriz Nascimento (2021), dentre outros que serviram de base para a construção desse trabalho.

Palavras-chave: Religiosidade afro-brasileira, Quilombo, ancestralidade, oralidade.

ABSTRACT

The present work seeks to analyze the existence of Afro-Brazilian religions as manifestations that shape and build the life, customs and teachings of the Custaneira quilombola community, in terms of festivities, teachings passed down from generation to generation and practices with the handling of pharmacological herbs in the community. Through oral interviews collected in the quilombo, we tried to understand how this relationship with the land and its enchanted people build the ethos of that people. In this case, for the development of the work, we discussed with authors such as: Clifford Geertz (1989), Flávio dos Santos Gomes (2015), Beatriz Nascimento (2021) among others who served as the basis for the construction of this work.

Keywords: Afro-Brazilian religiosity, Quilombo, ancestry, orality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Mapa da comunidade quilombola Custaneira.....	23
FIGURA 2 - Rita Maria da Conceição, matriarca da comunidade.....	26
FIGURA 3 - Rita Maria da Conceição, pitando cachimbo.....	26
FIGURA 4 - VI encontro de casas de terreiros de comunidade quilombolas.....	28
FIGURA 5 - VI encontro de casas de terreiro de comunidades quilombolas.....	28
FIGURA 6 - Lourenço légua Boji Buá Ferreira da trindade, incorporado no pai de santo do terreiro.....	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 COMUNIDADES QUILOMBOLAS: desenvolvimentos e trajetórias.....	15
1.1 Quilombos no Piauí	18
1.2 Comunidade Quilombola Custaneira.....	10
2 A RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA NO QUILOMBO CUSTANEIRA.....	30
2.1 O manuseio de ervas medicinais como proteção para a saúde e saberes espirituais.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem seu desenvolvimento na Comunidade Quilombola Custaneira, localizada no município de Paquetá do Piauí, a 319 km da capital do Estado, Teresina. Paquetá do Piauí possui seis comunidades quilombolas em seu território, sendo: Canabrava dos Amaros; Jacaré; Mutamba; Potes; Tronco; e Custaneira. Para os fins desta monografia, restringimos nosso olhar histórico-antropológico a esta última comunidade, entendendo-a enquanto um espaço social, ou seja, uma comunidade que tece uma rica e diversa fonte de prática religiosa ancestral, exercida sobretudo durante seus ritos e festividades, desenvolvida através da participação de um diverso público de pessoas que formam esse tecido social, religioso.

Assim, este trabalho analisa como essas manifestações plurais são desenvolvidas pela comunidade, entendendo o local de destaque e o papel que a Umbanda, o Candomblé e o Catolicismo desempenham no cotidiano da população quilombola local.

A delimitação do tema sobre as religiões afro-brasileiras teve meu interesse logo nos primeiros meses da graduação, onde tive a oportunidade de começar a adentrar no ramo da pesquisa ao observar a Umbanda e o Candomblé como religiões que ainda são colocadas em um posto subalterno dentro da sociedade brasileira.

Já as comunidades quilombolas surgem como interesse através das vivências pessoais que me atravessaram ao longo desse percurso, o contato com o Quilombo Custaneira aconteceu em virtude de amigos que me apresentaram o local e suas riquezas, a partir daí comecei enxergar a correlação entre as religiosidades afro-brasileiras e a constituição/resistência dessas comunidades. Junto a este interesse, comecei a ler e conhecer melhor a historiografia sobre o tema, indo desde uma análise romantizada sobre a formação desses núcleos, até a forma como se organizam, muitas vezes sendo caracterizados como comunidades/locais parados no tempo. Através dessas visões foi excluída sua formação enquanto articulação negra, organização social e política.

Outro fator importante está relacionado a oportunidade de conhecer, conviver e aprender com lideranças quilombolas de grande importância para o movimento, como Arnaldo Lima (Pai Naldo) Antônio Bispo dos Santos (Negro Bispo) e Maria Rosalinda. Através desses encontros foi possível perceber a importância da luta quilombola para estabelecer subsídios de sobrevivência e direitos básicos no que tange ao fortalecimento de suas culturas, religiosidades e práticas de saúde.

Sendo assim, analiso esta pesquisa para além de uma gama de informação acadêmica, aqui pretendo abordar o quilombo enquanto um local político, social e, sobretudo, cultural e religioso olhando a partir das vivências e relatos contatos de seus moradores.

Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho analisa a existência das religiões afro-brasileiras enquanto manifestações religiosas que moldam e constroem a vida na comunidade Quilombola Custaneira no que diz respeito as festividades, ensinamentos passados de geração para geração e as práticas com o manuseio de ervas farmacológicas na comunidade, ou seja, entender o quilombo através de sua relação com a terra e seus encantados como forma de construir o *ethos* daquele povo. Isso nos ajuda a compreender uma comunidade para além de uma literatura eurocêntrica que busca abordar os quilombos apenas pela visão de fugas, rebeliões e violência, negligenciando todas suas estratégias de sobrevivência, trocas comerciais, plantios, criações de animais, danças e religiosidades.

Para a elaboração e desenvolvimento do trabalho utilizamos como fonte as entrevistas coletadas na comunidade quilombola, buscando compreender/identificar através de suas falas os questionamentos: Como a religião da comunidade ajuda a estabelecer esse sentimento de pertencimento quilombola? Como as festividades religiosas e culturais moldam a estrutura social da comunidade, identificando locais de destaque no grupo, modos de comportamento e vivências? De qual modo a relação entre sujeitos e seres encantados transforma a vida e os ensinamentos do povo da comunidade? Qual a relação da comunidade com as práticas medicinais e curativas ligadas às ervas e produtos naturais?

Os participantes das entrevistas foram a liderança quilombola e os mais velhos do Quilombo, tendo em vista que ao trabalharmos com as religiões Afro-brasileiras dentro das comunidades tradicionais a oralidade dos remanescentes é de grande valia para a permanência e disseminação dos ritos dentro da comunidade. Durante as entrevistas as falas que remetem aos mais velhos como fontes vivas de sabedoria e aprendizado ancestral sempre surgem com destaque, Arnaldo Lima, liderança quilombola da Custaneira, explica que dentro da comunidade todos aprendem “Ouvindo com a forma que nossos mais velhos ensinou”. (Arnaldo Lima, 11 de junho de 2022)

As relações sociais presentes no Quilombo desempenham um papel importante no que tange a manifestação de práticas culturais e religiosas, segundo Júlio Braga (1995, p.25):

O parentesco religioso desempenha importante papel nas relações sociais, mantendo-se como força dinâmica geradora e restauradora de determinadas tramas parentais, apenas identificáveis pela intermediação do culto à ancestralidade.

Embora Júlio Braga (1995) faça esse recorte sobre o parentesco religioso como um importante força para gerar essa ancestralidade, no caso da Custaneira, o caráter religioso não é fator determinante, outras manifestações sociais também estão inseridas nesse contexto, como exemplo podemos citar suas relações com a terra e suas manifestações culturais, sendo elas a Leseira, o Reis e o São Gonçalo.

Em conjunto com as questões norteadoras citadas acima foram utilizadas pesquisas bibliográficas a fim de dialogarmos com conceitos e ideias que serviram de base para a escrita da pesquisa. O conceito de cultura trabalhado aqui faz referência à visão semiótica do antropólogo Clifford Geertz, para ele “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (1978, p. 4), ou seja, para ele a cultura é construída através das teias de relações e suas análises, fugindo de uma ideia de cultura como algo concreto fincado por leis, mas sim como uma ciência interpretativa.

O conceito de religião apresentado por Geertz também nos ajudou a refletir sobre o papel da religiosidade como formadores do *ethos* de um povo, ou seja, a formação de um conjunto de costumes e hábitos fundamentais do comportamento e da cultura. Segundo Geertz (1989, p. 66) “os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo, o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos e a sua visão de mundo.”

Antes de abordarmos esse entrelaçamento cultural devemos compreender o surgimento dos quilombos como espaços de sociabilização negra, bem como de solidariedade, convivências e identidade, ocupando um lugar de transgressão à ordem escravista. Aqui foram abordadas as narrativas e pesquisas postas pelo historiador e cientista social Flávio dos Santos Gomes ao tecer críticas nas abordagens romantizadas que fazem sobre os quilombos, os tratando como ambientes isolados do resto da população.

Além disso, as narrativas expostas pela escritora Beatriz Nascimento são de suma importância para a construção desse trabalho, sobretudo, para o primeiro capítulo onde busquei fazer um apanhado sobre as origens das comunidades quilombolas dentro do território Piauiense e a maneira pela qual a historiografia oficial trabalha e analisa essas formações sociais. A autora é referência nos estudos que dialogam com a formação dos quilombos, buscando se opor à história oficial. Beatriz Nascimento parte de uma análise que aborda as comunidades enquanto espaços alternativos de vida aos quais eram vigentes na escravidão, formando seus modos de vida, organizações militares, agrícolas e religiosas.

A partir desses agrupamentos de pessoas os quilombos passam a ganhar uma estrutura mais centrada, sempre representada através de um líder masculino no comando, essa divisão

deve ser problematizada ao abordarmos papéis de destaque dentro das comunidades também representados pelas mulheres, seja no que tange às relações de plantio e subsídios para a alimentação, à fabricação de armadilhas e táticas de sobrevivência e o mais importante para essa discussão estando ligada ao seu grande destaque dentro das manifestações religiosas. Segundo Gomes (2015) às mulheres protegiam os quilombos entrando em transe e recebendo informações que os livraram muitas vezes dos ataques punitivos.

Beatriz Nascimento ressalta que a formação dos quilombos pode ter sido articulada por organizações dentro do próprio núcleo de trabalho ao qual estavam inseridos, ao se organizarem abriam margem para que os primeiros núcleos quilombolas pudessem se articular, envoltos de pessoas que exerciam uma certa liderança e voz entre os demais.

Portanto, o grupo menor dentro do grupo maior já existia, estando inclusive sob uma liderança (...) podendo vir das práticas religiosas: um curandeiro, um feiticeiro ou, em outros casos uma parteira; pessoas que, portanto, pela sua importância no grupo, o aglutinavam em trono de si. Estabelecido esse embrião de organização, o grupo começa a sentir necessidade de se afastar da ordem oficial (NASCIMENTO, 1978, p. 126).

No que tange a religiosidade quilombola, pouco ainda foi estudado sobre sua formação, pois embora precisassem entender a própria construção desses espaços como encontro das mais diversas culturas, tendo em vista a presença de negros escravizados das diversas regiões do continente Africano, possuindo consigo as devidas particularidades linguísticas, culturais e religiosas, não podemos esquecer a população ameríndia também agregada a essa construção, com suas crenças e manifestações culturais. Segundo Gomes (2015) o conjunto desses povos construiu e moldou as religiosidades presentes naquelas comunidades da mesma forma pela qual a solidificação desses espaços ainda estava em formação.

Feita as devidas considerações, no primeiro capítulo trataremos a construção dessas comunidades quilombolas, a forma pela qual a historiografia aborda essa formação e continuidade ao longo da história brasileira, deixando de lado suas culturas, modos de plantação, ritos festivos e as religiosidades. No segundo capítulo analisaremos como a religiosidade presente na Comunidade Quilombola Custaneira molda a forma de vida da comunidade, buscando entender o protagonismo das religiões Afro-brasileiras; Umbanda e o Candomblé desenvolvidos dentro da comunidade frente às manifestações católicas presentes na mesma. Junto a isso trataremos de forma breve como as plantas e ervas, presentes na comunidade, são manipuladas na fabricação de beberagens, remédios, banhos e defumações,

ligadas à cura de doenças e na limpeza e auxílio espiritual, passados por os encantados dentro do terreiro.

1 COMUNIDADES QUILOMBOLAS: desenvolvimentos e trajetórias

Pode só casa de barro, de tijolo nem pensar. Mas Severo não aceitava, e sonhava com um lugar. Onde havia até escola, onde a gente ia estudar. Onde o povo era dono, até do seu próprio lar. Muito além de água negra - Torto Arado (Rubel).

As comunidades tradicionais, conhecidas como quilombos ou em alguns períodos da história como mocambos, atravessam a história do Brasil como importantes marcadores raciais da história negra e afro-ameríndia dentro da nossa sociedade. No Piauí a presença dos quilombos vem desde o século XVII, em que a utilização do trabalho negro começa a ser implantada. Por muito tempo a historiografia brasileira tratou as comunidades quilombolas com características bastante semelhantes, como é o caso de enxergá-los, somente, por meio da fuga ou das rebeliões, fomentando em uma redução de suas trajetórias.

Ao abordamos sobre a formação das comunidades quilombolas, tal como seu desenvolvimento e resistência no território brasileiro e, sobretudo, dentro do Estado do Piauí, devemos entender as manifestações negras no Estado a partir da criação de fazendas pastoris que utilizaram do trabalho/mão de obra escrava, ligadas a criação de gado vacum e cavalari. Como pontuam Santos e Lima (2012) o Piauí se constituiria como um forte território com presença negra utilizada como mão de obra escrava. É dentro desses núcleos escravos, presentes nesses ambientes que viriam a se organizar as primeiras articulações em prol da criação de comunidades quilombolas no Estado.

A ideia de quilombo que pretendo abordar durante esse trabalho bebe do significado posto pela historiadora Beatriz Nascimento, partimos da ideia de comunidades quilombolas criadas sob a necessidade humana em se organizar de forma oposta a ideia implementada pelos colonizadores, ao qual entendiam as comunidades quilombolas como locais perigosos e isolados da sociedade. Citando Nascimento (1978, p.124).

Um homem ou vários homens em condições físicas e psíquicas normais, embora vivendo sob um sistema de instituições vigorosamente opressoras, poderia voluntariamente imaginar para si situações mais de acordo com suas potencialidades e aptidões, situações que, em razão da ordem social escravocrata, são universal e historicamente reconhecidas como impossíveis de se promover.

O termo quilombo só aparece nas documentações coloniais no final do século XVII, como pontua Flávio Gomes (2015). Anteriormente o termo “mocambo” era o mais utilizado ao tratar sobre a formação de tais núcleos. Essa diversidade de nomenclaturas pode ser explicada através das próprias traduções portuguesas que acabam por utilizar um mesmo termo contendo

significados diferentes a depender de sua região/território em que se é usado. Segundo Flávio Gomes (2015, p.6) ambos os termos “eram termos da África central usados para designar acampamentos improvisados, utilizados para guerras ou mesmo apresamentos de escravizados”.

Já Beatriz Nascimento (p.112) trabalha com a hipótese que as autoridades portuguesas tinham receio de que esses núcleos de população negra pudessem agir livre do domínio colonial vigente e pontua que:

Depois das guerras do nordeste no século XVII, obrigou-as a definir o objeto de sua repressão como; toda habitação de negros fugidos que passem de cinco em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles.

Dessa forma, podemos observar que os termos e nomenclaturas ao tratar sobre a formação desses núcleos aparece de forma bastante diversificada, podendo encontrar diferenciações ou incógnitas em relação a alguns deles. O próprio significado, ou melhor dizendo, as próprias características ao tratar sobre a terminologia “quilombo” sofrem alterações conforme a época, autores ou interesses dominantes. Segundo Nascimento (1976, p.96) Edison Carneiro foi o escritor brasileiro que melhor caracterizou os quilombos.

Via neles um acontecimento singular na vida nacional. Como forma de luta contra a escravidão, como estabelecimento humano, como organização social, como reafirmação dos valores, das culturas africanas, sob todos esses aspectos, o quilombo revela-se um fato novo, único, peculiar uma síntese dialética.

Outros autores como Kátia de Queiroz Matoso no livro *Ser escravo no Brasil* (1990) trabalha o conceito de quilombo enquanto um “esconderijo de escravos fugidos” (p. 158) a autora pontua o quilombo, enquanto uma reação contra o sistema escravista, buscando um retorno a prática da vida africana, ao largo da dominação dos senhores, somando a uma espécie de protesto contra as condições impostas pelos escravos.

Cabe ressaltarmos que pensar as comunidades quilombolas, enquanto núcleos que pretendiam viver da mesma forma em que viviam em seus territórios no continente africano, soa um tanto quanto generalista, pois sabemos que ao chegar nas Américas os negros escravizados acabaram se amalgamando com outras tantas culturas, de povos totalmente diferente das suas, ou seja, um quilombo poderia compor pessoas das mais diversas regiões do continente Africano constituindo modos de vida totalmente plurais, sem falarmos das constantes relações entre povos ameríndios, presentes na formação desses agrupamentos.

Buscando fazer uma inter-relação na formação dos quilombos do território brasileiro com os termos e organizações presentes em Angola, Beatriz Nascimento (1976) faz um levantamento sobre os significados que o termo quilombo desempenha para esse grupo. Segundo a autora o próprio quilombo dos Palmares por muito tempo foi nomeado de “Angola pequena” fazendo referência a um de seus líderes Ngola Djanga. Para o povo Imbangala, dominantes de Angola, o termo quilombo desempenha alguns significados, sendo eles;

Kilombo aqui recebe o significado de instituição em si. Seriam kilombo os próprios indivíduos ao se incorporarem à sociedade imbangala. (...) Outro significado para kilombo dizia respeito ao local, casa sagrada, onde se processava o ritual de iniciação. (...) Acampamento de escravos fugitivos, como quando alguns Imbangala estavam em comércio negreiro com os portugueses, também era kilombo (NASCIMENTO, 1976, p. 156 - 157).

Podemos observar que os significados se entrecruzam com alguns presentes no Brasil, principalmente, quando referido a indivíduos que passam a incorporar um núcleo específico, no caso os do povo Imbangala e quando faz referência a um local de homens fugidos ou refugiados contra a ordem vigente.

As redes de sociabilidade entre negros escravizados estavam presentes ainda no núcleo de trabalho, o que acabará por influenciar as articulações, para as formações dos quilombos. Homens e mulheres que ocupavam um cargo ou um respeito entre esses povos foram de extrema importância para esse pontapé inicial. Beatriz Nascimento (1976) pontua a existência de um “grupo menor” dentro do “grupo maior”, sendo os responsáveis por aglutinar ideias e movimentos dentro desse núcleo.

Os “cargos” que ganhavam destaques adivinham das diversas posições, segundo Beatriz Nascimento (1976, p. 126) “Esses líderes [...] podem vir das práticas religiosas: um curandeiro, um feiticeiro ou, em outros casos, uma parteira”. É dentro dessas organizações que os grupos começam a estranhar/ resistir a ordem oficial.

As correlações entre negros escravizados aconteciam não só no Piauí, Walter Lima na obra *Encruzilhadas da liberdade histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)* pontua que:

A proximidade geográfica dos engenhos nos distritos açucareiros do recôncavo, permitiu intercâmbio permanente entre escravos de diferentes propriedades. Esses laços eram fortalecidos nas festas, nos batizados, casamentos e sepultamentos feitos nas capelas dos engenhos ou nas igrejas matrizes das freguesias (FRAGA, p. 33).

Aqui podemos perceber diversas formas de sociabilidades negra durante o período de formação dos quilombos, tais evidências quebram com aquele paradigma imposto pela

historiografia que trata sobre essas organizações negras como ambientes completamente isolados uns dos outros. Embora muitos quilombos estivessem localizados em regiões rochosas, pantanosas ou no interior das matas, ainda assim existiam trocas sociais e comerciais entre eles.

Essas trocas contribuíram na criação de estratégias e formas de sobrevivência, fomentando o desenvolvimento de práticas materiais e culturais que moldaram as vivências e os afetos dos núcleos familiares de negros escravizados formando relações amorosas, redes de apadrinhamentos e ritos religiosos desenvolvidos em conjunto.

2.1 Quilombos no Piauí

Embora a historiografia Piauiense tenha se debruçado cada vez mais nos estudos sobre as comunidades tradicionais na formação do seu território, ainda surgem lacunas ao abordar sobre essas organizações, principalmente ligadas ao período colonial em que esses núcleos começam se estruturar e desenvolver. Segundo Solimar Oliveira Lima (2015, p.1) "Às relações escravistas na sociedade piauiense são imperfeitamente conhecidas", ganhando um maior destaque os estudos voltados à produção pastoril responsável pela ocupação do território piauiense por muitos anos com a criação de gados vacum cavalari como já mencionado acima.

Durante os séculos XVII e XVIII, a produção pastoril funcionou como a base social do Piauí, sendo criada uma enorme quantidade de fazendas de gado e currais com a utilização do trabalho escravo envolvendo negros e indígenas, dentre eles os povos Tapuias, Acroás e pimenteiras. Segundo Solimar (2015, p.4) "no final do século XVII, o centro da ocupação do Piauí, constituído pelo entorno da vila da mocha, contava com 129 fazendas."

Dailme Maria da Silva Tavares (2008, p.25) pontua que a presença dos povos indígenas também se fez presente como trabalho escravo dentro das fazendas de criação de gado;

No início da colonização piauiense foram utilizados índios escravizados ou "amansados" pelos colonos e bandeirantes para trabalhar nas fazendas de gado e posteriormente, milhares de negros escravizados; que eram comprados nos mercados do Maranhão e Bahia.

É válido ressaltar que a formação dos quilombos, não só no Piauí, mas como em todo território brasileiro teve forte presença indígena no que se refere a permanência/morada nos quilombos quanto nas trocas comerciais e religiosas. Segundo Flávio Gomes (2015, p.32):

As primeiras comunidades de fugidos no Brasil talvez tenham sido formadas também por cativos indígenas. Com a crescente chegada de africanos e sua utilização massiva, acabaram sendo a maioria nas fazendas e, portanto, entre os fugitivos. Encontros e conexões entre indígenas e africanos podiam acontecer no ambiente de trabalho — há

indicação de que, em minoria, os africanos ocupavam as funções especializadas enquanto os indígenas trabalhavam nas lavouras — principalmente nos séculos XVI e XVII.

As manifestações desses grupos étnicos estavam presentes nos sítios e fazendas distribuídas ao longo das terras piauienses, muitas vezes resistindo em grupos ou de forma individual através de fugas, brigas, coerção ao trabalho, justiçamentos, entre outros. É válido ressaltarmos que em nenhum momento da história os negros ou indígenas ocuparam um local passivo sobre suas vidas, a própria formação dos mocambos pode ser entendida como uma dessas representações de resistência e imposição a ordem colonial vigente.

Escapar das amarras senhoriais significava a ruptura com o cativo, mesmo que temporariamente, uma vez que o escravizado era, quase sempre, capturado. Quando o escravizado cometia o ato da fuga, se colocava de modo ativo em relação ao seu proprietário e ao próprio sistema escravista, passando este a desenvolver um eficaz aparato de controle e vigilância em resposta às atividades de resistência escrava (TAVARES, 2008, p. 30).

Verificamos que em grande parte os quilombos do Piauí foram formados através de concessões de terra “doadas” pelos senhores como recompensa pelos trabalhos concedidos de seus escravos, ou como forma de agradecimento por algum feito. Entretanto, “esta “doação” necessita de significação. Para o senhor, a entrega de uma pequena parte de suas extensas terras era mais um mecanismo de fixação, dependência e controle para com seus moradores escravizados e seus descendentes” (SANTOS; LIMA; OLIVEIRA, p. 200), embora essa seja uma hipótese trabalhada por Solimar, observamos que essa teoria se encaixa perfeitamente na história do Quilombo Custaneira.

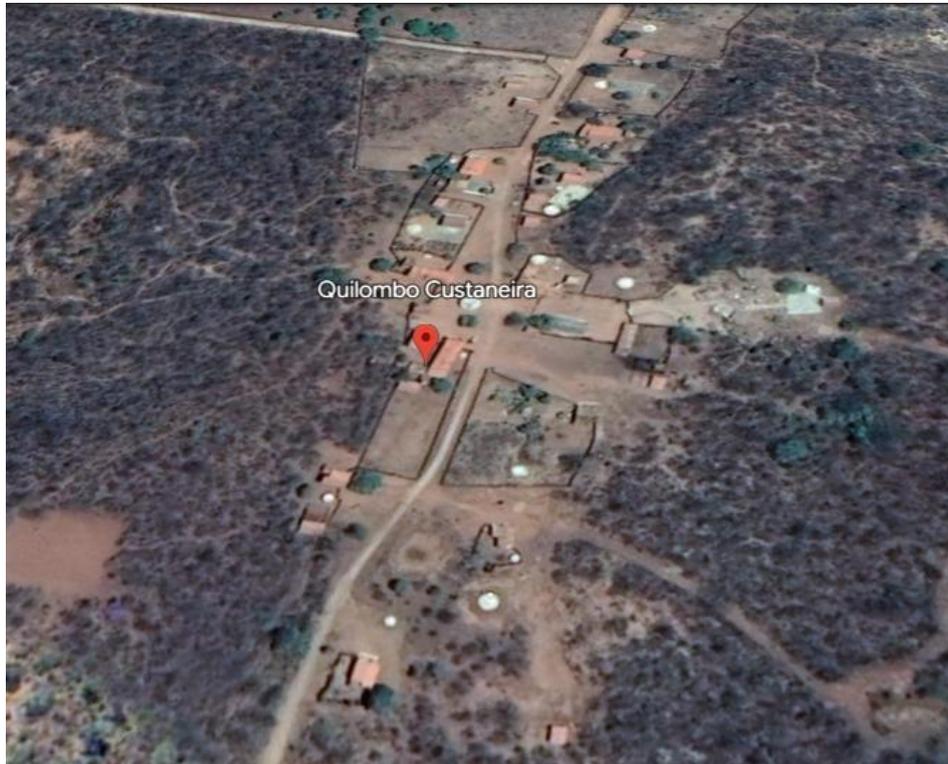
Essa pode ser uma das outras tantas possibilidades na formação de teias de relação entre os negros escravizados e a formação dos quilombos nas terras ganhas, criando uma memória coletiva de pertencimento e ocupação das terras ao qual residiam, plantavam e desenvolviam suas vidas.

1.2 Comunidade Quilombola Custaneira.

A Comunidade Quilombola Custaneira está localizada na cidade de Paquetá do Piauí, a cerca de 300km da capital do estado, Teresina. Em torno da cidade de Paquetá existem cerca de 6 comunidades quilombolas de acordo com a última pesquisa realizada pela CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas). O Quilombo dispõe de autodefinição de sua identidade étnico-racial, certificada junto a Fundação Palmares desde 2012 com portaria FCP/Nº 189/2012 disponível no Diário Oficial da União

DOU/nº 190, seção 1, p.10, de 01/10/2012, e retificação publicada no DOU/nº 227, seção 1, p. 8, de 26 de novembro de 2012.

Figura 1: Mapa da comunidade quilombola Custaneira



Fonte: Vista da Comunidade Quilombola Custaneira. Paquetá -PI. Fonte: Google Earth. Imagem produzida por satélite, de acesso público. Acesso em: 27 de fevereiro de 2023

O Quilombo de Custaneira, apesar de ter passado pelo processo de autodefinição de sua identidade não possui processo de titulação aberto, pois suas terras foram compradas por um de seus moradores, o senhor Albertinho José de Lima, conhecido como Doutor Gaga. Ao ser perguntado por esse processo, Arnaldo Lima, filho de Doutor Gaga, explica que a comunidade possui laudo antropológico e reconhecimento da posse, entretanto não passou pelo processo de titulação por já serem donos da terra. “Ela (A terra) tem o laudo antropológico, ela fez, além da terra de posse a gente reconhece um território maior e foi feito um levantamento. (...) a gente conduz a terra da forma que a gente vive e da forma que a gente... É comunitária.” (Arnaldo Lima, 11 de março de 2023)

Na fala acima podemos observar que embora Doutor Gaga tenha comprado o território referente ao Quilombo Custaneira a terra pertence a todos é distribuída de forma igual, é comunitária. Ao longo da conversa, Mestre Naldo explicou que as plantações de milho, melancia, feijão e os demais alimentos que são produzidos nas roças pertencem ao quilombo,

ou seja, são alimentos de todos os moradores. Quando um morador cultiva um alimento sua colheita pertence a todos que necessitam dele. O coletivo e o comunitário é algo presente no dia a dia do quilombo.

As teias de relação abordadas no tópico um desse capítulo estão muito presentes nas histórias e no dia a dia da Custaneira, seja referente às práticas religiosas, como as giras de umbanda e candomblé que geram um fluxo de participação de outros quilombos e moradores das cidades vizinhas, seja as festividades culturais ou as convívio e ajuda com outros quilombos, sobre esses cruzamentos intersociais temos o Quilombo Tronco, localizado a poucos quilômetros de Custaneira, segundo mestre Naldo.

O povo do Tronco, o compadre Inácio planta aqui, nós é quem damo os documentos pra eles lá porque a terra deles lá tá inadimplente porque morreu em 91 morreu o vei, nunca fizeram um inventário ai depois morre a veia em 97, 98, morre a veia a dona e nunca fizeram inventário aí já morre filho, aí já morre, genro e nora e vai morrendo e eles não faz inventário. Tá lá essa terra. (Arnaldo Lima, 11 de março de 2023)

Antes de continuarmos a discussão é importante entendermos a importância de Arnaldo Lima (Mestre Naldo/Pai Naldo) para o quilombo Custaneira e para a luta quilombola. Arnaldo Lima é filho de Dona Rita e Doutor Gagá, patrimônios vivos de cultura e ancestralidade, desde cedo voltou sua vida para a luta quilombola, ocupando um cargo na coordenação estadual de comunidades quilombolas do Piauí com o objetivo de valorizar a identidade negra e trazer os quilombos para o plano central de discussão. Além de sua trajetória de militância política e social mestre Naldo é pai de santo da casa Caboclo Guerreiro de Oxóssi, terreiro localizado no centro da Comunidade, ele ainda é conhecido como um dos maiores nomes da Dança da Leseira no Piauí, sendo também puxador do samba de cumbuca, Cantador de Incelenças e benditos.

Dando prosseguimento, na fala de Mestre Naldo podemos perceber várias formas em que essas teias de relação/convívio são estabelecidas, uma direcionada a doação dos documentos da terra para processos e questões burocráticas sempre que o Quilombo Tronco venha precisar. O contato compartilhado com o uso terra em uma ação comunitária e a formação de laços familiares entre quilombos, observa-se que Arnaldo Lima ao citar um dos moradores do tronco o chama de Compadre, a criação desses laços estão presentes desde a formação das comunidades quilombolas, servindo como mecanismos de vínculos e união de forças entre uma comunidade e outra.

Minhas primeiras visitas à comunidade aconteceram no início de dois mil e vinte, até então voltadas para o conhecimento da comunidade e para assistir as giras de umbanda, levado a convites de amigos que na época faziam parte da CDG (Casa de Guerreiros Caboclos de

Oxóssi) terreiro localizado no centro da comunidade. A partir dessas visitas outras oportunidades foram surgindo, teias de relação foram sendo tecidas e o contato pelo viés acadêmico foi sendo estabelecido.

O calendário festivo do quilombo é composto por uma série de eventos. Durante todo o ano a comunidade está inserida nesse universo cultural, tendo como protagonismo seus moradores e suas tradições, como festejos, rituais religiosos, músicas e danças. Segundo mestre Naldo;

Janeiro, é São Sebastião e reisado. Oia nos começa de... 13 de dezembro o reisado até dia 06 de janeiro. Do dia 11 de janeiro começa São Sebastião até dia 20. Ai fevereiro dia dois nós rezam nossa senhora das candeias aí já entra quarta feira de cinza o ritual da abertura da quaresma. Ai maio, o mês de maio nós temos os nossos rituais no dia treze a comida de preto. Ai junho, o mês de junho todinho o festejo do coração de Jesus, dentro do festejo do coração de Jesus do dia vinte e dois ao dia trinta levanta a bandeira, a bandeira dia vinte e dois. Aí vem dia nove, dez e onze de junho é o encontro de terreiro com a festa de Lourenço Légua, é a comemoração de Lourenço Légua, aí vem o festejo do coração de Jesus. Aí julho nos tem, é em julho nos tem a festa, final de julho pra o começo de agosto a festa de exu veludo e dama da noite. Aí em setembro tem a minha obrigação no candomblé, ai vai assim a vida toda, o mês todo, o ano inteiro (Arnaldo Lima, 11 de março de 2023).

Uma das idealizadoras dessas festividades é Rita Maria da Conceição, mãe de Mestre Naldo e uma das mais velhas matriarcas do Quilombo, Dona Rita é detentora dos aprendizados de seu povo, sendo responsável pelo fortalecimento das festividades culturais presentes no quilombo, estando à frente dos festejos do coração de Jesus realizado em junho, do reisado iniciando de dezembro a janeiro. Os preparativos começam meses antes com a produção das roupas e dos adereços utilizados pelos “personagens” o rei, o jaraguá, a ema, a burrinha, o lobisomem, a sariema, o boi bumbá, entre outros.

O reisado ou Folia de Reis é uma manifestação popular que comemora o nascimento de Jesus e a visita dos três reis magos, os caretas (participantes do reisado) tiram brincadeiras com o público, soltam piadas e dançam ao som de pandeiros, triângulos e sanfonas, suas roupas variam entre palhas, tecidos coloridos, máscaras e adereços de cabeça.

Além do reisado a matriarca é conhecida como uma grande puxadeira das rodas de São Gonçalo e leseira, aprendeu tudo através da oralidade passada por seus mais velhos e que hoje dá continuidade ensinando seus filhos, netos e todos da comunidade sendo considerada uma grande professora do quilombo. No dia 26 de dezembro de 2022 Dona Rita foi certificada como uma mestra da cultura, tornando assim um patrimônio vivo do Piauí. A lei de nº 5.816/2008 foi aprovada no dia dezenove de fevereiro de dois mil e vinte e dois de autoria da deputada estadual

Flora Izabel, o intuito da lei é fazer com que os mestres e grupos tradicionais sejam reconhecidos no estado do Piauí.

Figura 2 - Rita Maria da Conceição, matriarca da comunidade



Fonte: Rita Maria da Conceição fazendo fala no evento de reconhecimento dos mestres da cultura como patrimônio vivo do Piauí, em 26 de dezembro de 2022 na sede do governo do estado do Piauí, o palácio Karnak. Disponível em: <Governadora Regina Sousa certifica mestres da cultura como Patrimônio Vivo do Piauí - Governo do Piauí (www.pi.gov.br)> Acesso em 18 de março de 2023.

Durante sua fala no evento Dona Rita pontuou, “Me sinto muito gratificada por receber essa bolsa, porque estou na idade de 81 anos, nasci nesse movimento, continuo dançando e vou poder passar para frente.”.

Figura 3 - Rita Maria da Conceição, pitando cachimbo



Fonte: Rita Maria da Conceição, pitando seu cachimbo na comunidade quilombola custaneira. Disponível em: <O canto devoto de Dona Rita (jornalgn.com.br)>. Acesso em 18 de março de 2023.

Esse reconhecimento por parte do estado não pode ficar restrito apenas às pessoas, devemos entender que o território dos quilombos é um espaço ancestral para todos e o reconhecimento deles enquanto patrimônios culturais também devem entrar na agenda do governo. Como bem pontua Emanuel Jardel Alves Oliveira (2020, p.51):

A compreensão das comunidades quilombolas como patrimônios culturais, passou a fortalecer as reivindicações frente à luta pela territorialização das suas terras, os compreendendo assim como remanescentes de um campesinato negro formado no contexto da desagregação do escravismo no país, ao longo da segunda metade do século XX.

Outro evento bastante conhecido no seio da comunidade refere-se ao encontro de casas de terreiros de comunidades quilombolas, propondo minicursos, rodas de conversas e manifestações culturais em um intercâmbio de conhecimentos com a presença de casas de terreiros de todo o estado do Piauí, Maranhão e outras regiões. O evento costuma ser realizado em três dias, contando com a presença de estudantes universitários e simpatizantes do movimento. Dentro do evento é comemorado a festa de Lourenço Légua Boji Buá da Trindade a entidade dona da crôa (cabeça) de Mestre Naldo e chefe do terreiro do quilombo, a família de Légua é bastante conhecida no estado do Maranhão nomeadas como encantados, a história dessa família se baseia em um grupo de pessoas que trabalhavam na lida com o gado e a roça e acabaram se encantando nas matas do codó, ou seja, não passaram pelo processo da morte. Além do encantado Lourenço Légua, outras entidades dessa linha incorporam e trabalham nos filhos de santo da Custaneira.¹

Nas fotos abaixo relacionadas ao VI encontro de casas de terreiro de comunidades quilombolas podemos notar esse intercâmbio de relações entre sujeitos diversos, esse carácter religioso presente no terreiro e no dia a dia da comunidade, influencia na construção de um quilombo para além de suas terras ou constituição, formando um espaço social/coletivo de propagação de sua ancestralidade e debates ligados ao povo negro.

¹A família de Légua está bastante presente no Terecô, religião afro-brasileira encontrada, sobretudo, no estado do Maranhão. A linha de encantados domina boa parte da religião, são entidades que não passaram pela morte, apenas se “encantaram”, sumiram, os Légua fazem parte dessa família. Para mais informações visitar o artigo “A família de Légua está toda na eira: Tramas entre pessoas e encantados”. Disponível em. <“A família de Légua está toda na eira”: tramas entre pessoas e encantados>.

Figura 4 - VI encontro de casas de terreiros de comunidade quilombolas



Fonte: VI Encontro de casas de terreiros de comunidades quilombolas. Abertura do evento, 10 de junho de 2022. Foto: Arquivo pessoal

Figura 5 - VI encontro de casas de terreiro de comunidades quilombolas.



Fonte: VI Encontro de casas de terreiros de comunidades quilombolas. Segundo dia de evento, 11 de junho de 2022. Foto: Arquivo pessoal.

Figura 6 - Lourenço légua Boji Buá Ferreira da trindade, incorporado no pai de santo do terreiro



Fonte: VI Encontro de casas de terreiros de comunidades quilombolas. Segundo dia de evento. Chegada da entidade Lourenço Légua Boji Buá da Trindade, incorporado no Mestre Naldo. 11 de junho de 2022. Foto: Arquivo pessoal.

A formação da comunidade quilombola Custaneira surgiu através da fazenda de gado nomeada “Fazenda Custaneira” com propriedade de Joaquim Francisco de Moura um dos maiores fazendeiros e donos de latifúndios da região. As teias de relação entre os negros escravizados que trabalhavam na comunidade foram de extrema importância para o fortalecimento e luta pelas terras onde cultivavam, trabalhavam e residiam, estabelecendo contatos com as regiões vizinhas dos municípios de Paquetá - PI, Oeiras e Santa Cruz do Piauí. “No município de Oeiras - PI, a Comunidade Custaneira/Tronco tem vínculos étnicos com o bairro do Rosário - o bairro dos negros, inclusive com o grupo dos congos de Oeiras.” (SOUSA, 2015, p. 129). A dinâmica entre esses municípios construiu um intercâmbio fixo entre essas pessoas, sejam elas marcadas por convívios familiares, trocas comerciais, culturais e sociais.

A Comunidade Quilombola sempre entendeu seu papel étnico racial e sua importância para a formação e o pertencimento do Quilombo Custaneira. Ao serem perguntados pelas memórias do passado as figuras colonizadoras, sobretudo “das famílias “Moura” ou “Moura

fê” e “Borges Leal” que foram a rede familiar “Moura fé- Borges leal” (SOUSA, 2015, p. 127) são citados como os responsáveis pela posição de sujeições e escravidão em que seu povo foi colocado, tendo espaços específicos para ocuparem e formas de trabalho impostas sempre inferiorizando e diminuindo o corpo negro.

Áureo João de Sousa, relata que os orientadores guias² do quilombo Custaneira contaram sobre histórias que “dizem respeito as relações estabelecidas entre negros e brancos; pessoas negras pobres e pessoas brancas/proprietárias/fazendeiras; pessoas negras que atuaram para conquistar sua autonomia perante os brancos proprietários.” (2015, p. 69) Entre as entrevistas orais recolhidas pelo Áureo a do Senhor Inácio e a da dona Francisca evidenciam essas relações, ambos relatam que existiam locais específicos para negros e para brancos, e que nas festas da fazenda poucos negros poderiam dançar no mesmo ambiente, ele (Senhor Inácio) cita que “tinham uns negros bons de condição, que iam para as festas vestidos de ternos e dançavam no meio de brancos” e depois complementa que “passou 30 (trinta) anos trabalhando, desde menino, para comprar 85 (oitenta e cinco) hectares de terra.” Por essa fala podemos observar que o senhor Inácio e sua mulher vivenciaram de perto e as condições precárias a que eram submetidos.

Dentro do percurso histórico da Custaneira as memórias de sujeição referente ao tempo da escravidão atravessam a história dos mais velhos. O processo de sobrevivência e as marcas do trabalho explorado demarcam a lida com a terra e os modos pelos quais eram tratados.

[...] Meu pai [Ciriaco Ferreira de Sousa] contava uma [história] que vinha trabalhar para Pedro Estevão, aqui na Canabrava, para ganhar a rapadura e o prato de farinha pela diária de trabalho; ele era cabinha novo... ele cansou de dizer prá nós: ‘meu filho, a vida é pesada’ (Alcides de Ciriaco, entrevista cedida a Aureo João de Sousa).

[...]a gente plantava o mundo e fundos só prá dar vantagem ao dono da terra, como eu tô acabando de lhe dizer: plantamos aqui, nesta Custaneira [Fazenda Custaneira, de Joaquim de Moura; e de José Gonçalo de Moura], muito anos, arroz...; não sei se o Naldinho lembra, mas o pai dele [Doutor Gagá] lembra, que a gente colhia lá em baixo, trazia para essa Casa Grande – o arroz -, para bater aí e dava a renda para os donos, de três uma e de quatro uma; lá, o Manoel de Antônio João era na meia. Você subia com cargas de jacá mais nos braços do que no jumento; o jumento, toda hora, caindo por cima do pescoço, com carga e tudo, e a gente é quem tinha que sustentar; chegava em casa mais morto do que vivo; pagando renda para ter o que comer dentro de casa (Donana de Ciriaco, entrevista cedida a Áureo João de Sousa).

² O pesquisador Áureo João de Sousa incorpora o conceito de *orientadores guias* em seu trabalho para designar os moradores da custaneira que lhe contaram sobre a trajetória da comunidade, suas tradições e histórias. Segundo ele, essas pessoas estavam sendo seus professores, pessoas que deram conteúdo para o seu trabalho e que lhes guiaram e lhe orientaram durante o percurso de sua dissertação.

Embora os trabalhos da época já não fossem caracterizados como escravo, as jornadas de trabalho e os ganhos continuavam análogos a escravidão, o trabalho na meia era o mais presente para os moradores da Custaneira, em que se ocupavam de todo o trabalho pesado referente ao plantio e a colheita nos terrenos cedidos pelos fazendeiros em troca de um pequeno pedaço de terra para residir. Ao observarmos o relato de Donana de Ciriaco, fica evidente a desigualdade nas colheitas e as condições precárias ao qual os moradores eram submetidos, ficando com apenas um terço de toda produção.

Durante a entrevista com Mestre Naldo fica explícito que embora a geração de seus pais e a sua não tenha passado pelo período da escravidão, as memórias dos mais velhos identificam uma série de relatos sobre a época. Ao ser perguntado sobre uma extensa cerca de pedras ao redor de boa parte do território onde estava localizado a casa grande ele pontua;

A essa de pedra era do tempo da escravidão mas tem cerca de pedra ai que tem pedra quase do tamanho dessa mesa (...) ai tem toda de pedra. O regime na senzala aqui do buritizinho dentro de custaneira era muito grande tinha um quarto escuro, quarto escuro... que disse que esse quarto escuro era tipo assim engordurado de maus tratos, perversidade que eles faziam com os negro lá dentro. Quarto escuro. Mas caiu tudo, tá só o lugar. (Arnaldo Lima, 11 de março de 2023)

Outro ponto que ganha destaque durante a entrevista é o conhecimento minucioso com a terra. Como pontua Richard Price “A história dos quilombos nas Américas sempre foi ligada à terra.” (2000, p.1) e o caso da Custaneira não é diferente. Mestre Naldo explica que as terras sempre pertenceram aos moradores de Custaneira e não aos senhores que se diziam donos, mas nunca moraram no território ou tiveram seus mortos enterrados dentro dele. Essa relação com a terra e seus modos de vida no território entram até mesmo como fatores determinantes para se reconhecerem como quilombolas. Ao ser perguntado sobre isso, ele pontua.

olha nego, desde de quando a gente se entende no meio da sociedade em que essa sociedade racista e preconceituosa trataram o negro de custaneira, nego de canabrava. Os Negro aqui da região, tratava como negro. Era tratado como negro. E nós não tinha nenhum receio de ser negro. Somos negros sim. Inclusive é, uma hora eu vou procurar está aí no, no registro de minha tia Sinhá Gaga que é irmã de papai. O registro dela está nega, né? Então foi identificada desde seu registro. Né? (...) Pela cultura, pelo modo de falar, pelas as comida, por tudo que a gente guarda até hoje. (...) aí quando foi em dois mil celebra e aí já vem essa identificação mas nós não tem sentado. Em dois mil celebra um pedido de perdão numa pedra da nega aqui em Retiro da Conceição. E Retiro da Conceição celebra esse pedido de perdão na pedra da Nega. Uma comunidade racista. E ai o Dom Augusto celebra esse pedido de perdão e identifica as comunidades quilombolas que têm. Aí a gente vai participar do primeiro, do segundo encontro nacional.

Nessa fala podemos perceber que mesmo de forma implícita a terra é colocada como um fator nesse processo de reconhecimento enquanto quilombo, notem que a todo momento a posição de sujeição dos moradores de Custaneira foram situações que aproximaram os seus moradores com a terra. Sobre essa participação do segundo encontro nacional Arnaldo Lima está se referindo ao encontro nacional dos povos quilombolas realizados do dia 29 de novembro a 07 de dezembro de 2001 cidade de Recife.

Por fim, a ancestralidade negra está presente em todo o território de Custaneira, o reconhecimento e a importância que os mais velhos são tratados dentro da comunidade configura uma memória que foi sendo construída ao longo das ações dos negros naquele espaço. O reconhecimento de suas terras, a importância das nascentes d'água, as entidades e as forças da natureza são alguns dos atravessamentos dessa cultura viva presente em Custaneira.

3 A RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA NO QUILOMBO CUSTANEIRA

"...A Música é a língua materna de DEUS, foi isso que nem católicos e nem protestantes entenderam, que em África os DEUSES dançam, e todos cometeram o mesmo erro, proibiram os tambores, na verdade, se não nos deixassem tocar os batuques, nós os pretos, faríamos do corpo um tambor, ou mais grave ainda, percutiríamos com os pés sobre a face da terra, e assim vir-se-iam brechas no mundo inteiro..." (Mia Couto)

Seguindo as discussões propostas neste trabalho a umbanda retratada aqui, parte de uma umbanda ancestral, ligada sobretudo às vivências e aprendizados deixados por seus antepassados presentes na história da Custaneira. As histórias contadas por Arnaldo Lima evidenciam uma série de narrativas relacionadas às práticas de contato com o sagrado. Como ele mesmo pontua, foram aprendizados deixados por grandes feiticeiros, interligados ao manuseio de ervas farmacológicas, livros de rezas e contatos direto com o sagrado. Segundo David Dias (2022)

Se há uma definição possível para a umbanda seria uma cultura religiosa baseada na incorporação de seres ancestrais que refletem a história brasileira e continuam a proliferar-se dialogando com as mudanças sociais [...] Ou ainda, um conjunto de valores afrobrasileiros que afirma uma identidade e um posicionamento sociocultural e político de um povo (DIAS, 2022, p. 63).

Essa definição posta por David Dias dialoga com as manifestações religiosas em Custaneira na medida em que o contato com a ancestralidade ensinou e ensina os fundamentos religiosos do terreiro, fugindo de uma umbanda aos moldes do mito fundador colocado por Zélio Fernandino de Moraes em 1975, que tinha como objetivo embranquecer a religião e vender uma narrativa que o colocasse em um ideal de fama e notoriedade frente a população.

Zélio pertence ao mundo da ordem e, por conseguinte branco. São credenciais desse mundo, na narrativa, a formação intelectual do jovem e a estruturação de sua família. Nela, havia médico e “até padre”. Essa é uma família branca e aristocrática que, por certo, encontraremos referências na família patriarcal de Gilberto Freyre, em sua Casa Grande & Senzala. A sua origem está associada a essa casa grande e, logo de cara, distanciada da negra senzala (DE SÁ JUNIOR, 2012, *apud* DIAS, 2022, p. 65)

Dito isso, ao ser perguntado sobre a religiosidade presente no quilombo, Arnaldo Lima pontua que precisamos entender a palavra religiosidade fora do contexto acadêmico, sendo algo que serve de fortalecimento e força, dando sentido e libertação a vida. Segundo ele:

As religiões cristãs elas são organização dominadora. todas as religião cristã. Elas se organiza para dominar a pessoa. (...) Ela, a religião católica eu vejo que é religião de colonizador. Foi os colonizador. Então eu acredito e tenho fé. Então eu canto um bendito porque acredito esse bendito pra mim tem sentido. Mas eu vivo é confiante, acreditando e tendo fé na natureza, no sagrado, então sou umbanda, sou candomblé e rezo bendito e vou nas novena de padroeiro e escuto as outras religião mas nenhuma escuta que vem delas que eu escuto vai me dominar (Arnaldo Lima, 11 de março de 2023).

A fala acima representa um enorme protagonismo negro frente a construção de uma identidade Afro Religiosa dentro do quilombo, pois embora mestre Naldo pontue que participa e visita outras manifestações religiosas é evidente que o mesmo reconhece sua ancestralidade negra como protagonista do lugar de onde vive, isso fica evidente ao falar que embora saiba escutar ele não deixa que elas (as religiões cristãs e colonizadoras) o dominem.

A umbanda trabalhada no Quilombo Custaneira coloca em protagonismo a potência e o poder dos pretos velhos, a força da mata com os caboclos, o poder de cura dos boiadeiros, a comunicação e a astúcia do povo da rua e a ancestralidade negra de um brasil ligado ao povo preto, firmando um posicionamento sociocultural e político na medida que esses atravessamentos completam e ensinam sobre a identidade e a força desse povo.

A “criação” do terreiro Guerreiro caboclo de Oxóssi, teve início em meados de dois mil e dez, o Congá³ foi construído no local antes mesmo que comesçassem os toques ou as chamadas giras, pois segundo Arnaldo Lima o local foi fundado como ponto de cultura da comunidade quilombola, que ao longo de sua formação foi caminhando para o início oficial do terreiro. “A gente ia rezando, está ali fazendo obrigações e aí em seguida a gente já abre para o toque. Antigamente o toque era no chão, na frente ali, em volta do pé de cola sem ser incimentado, sem nada” (Arnaldo Lima, 11 de março de 2023).

Podemos observar que desde sua fundação as raízes afro constroem e moldam as vivências presentes no quilombo, no caso da religiosidade isso não seria diferente, o orgulho de pertencer a uma religiosidade negra potencializa suas marcas que ficam raízes com essas ancestralidades.

Segundo o sociólogo Reginaldo Prandi;

A história das religiões afro-brasileiras pode ser dividida em três momentos: primeiro, o da sincretização com o catolicismo (...); Segundo, o do branqueamento, na formação da umbanda nos anos 20 e 30; terceiro, da africanização, na transformação do candomblé em religião universal, isto é, aberta a todos, sem barreiras de cor ou origem racial, africanização que

³Congá é uma palavra de origem africana utilizada nas religiões afro para determinar o local onde é colocado as imagens das entidades presentes em seus ritos.

implica negação do sincretismo, a partir dos anos 60 (PRANDI, 1998, p. 151 - 152).

Pensando o caso do Quilombo Custaneira esse processo de “evolução” da religiosidade Afro-brasileira se moldou de forma diferente, o processo de branqueamento nunca passou a ser um problema para a comunidade, tendo em vista que ao longo das falas de Arnaldo Lima sua religiosidade sempre foi bem aceita e desenvolvida dentro do quilombo, isso fica evidente nas histórias contadas por ele, ressaltando que esses aprendizados vem desde muito tempo atrás com sua bisavó, tios, e conhecidos que moram no quilombo ou na região, ele pontua que embora dentro da comunidade exista uma igreja católica e que o padre faça presença, antes disso é necessário respeitar o culto a Umbanda.

Chegou em Santa Cruz. Vou celebrar na custaneira tal dia, já tinha celebrado nas comunidade tudinho. Aí eu disse, pois vai ser no salão que o primeiro, que chega para celebrar lá, celebra aqui para poder subir. Aí se ver que dá para subir, a gente leva se não, daqui mesmo a gente manda embora. Aí ele disse não, pois celebro de maneira alguma. Eu tenho que celebrar na Capela, não tem Capela? Eu disse, a Capela é nossa, só entra aquele que nos merecer então é aqui, então marcamos a primeira missa aqui ele obedeceu. (...) aí na última noite de novena no Coração de Jesus tem a novena, depois é a missa, ele disse, eu vou celebrar primeiro a missa. Não moço a casa é nossa quem manda é nós, se você quiser celebrar na programação da comunidade, é bem-vindo. Se não, não precisa, não, porque é 126 anos de festejo e na casa da minha avó, um padre nunca celebrou, tá vindo celebrar agora da mesma forma (Arnaldo Lima, 12 de junho de 2022).

Na fala acima podemos perceber como a comunidade exerce esse papel de liderança e destaque frente suas decisões, a presença de um padre católico não é maior que sua religiosidade, a igreja católica não impõe ou determina regras naquele território, pelo contrário, o padre é que necessita seguir o calendário e as ações propostas pelos membros da comunidade. Outro fator de destaque está ligado a forma como Arnaldo Lima expressa sua fala, observem que ele pontua mais de uma vez que a própria comunidade pode e consegue desenvolver suas atividades de forma independente, ou seja, a presença daquele padre dentro da comunidade não é um fator de determinação para as atividades propostas. Em outra fala confirmamos esse protagonismo da comunidade ao serem questionados sobre colocar a igreja como pertencente à paróquia.

É, disseram, isso é uma coisa da igreja nessa questão que a igreja é colonizadora, é toda a paróquia, toda a comunidade tem que passar a Capela para a paróquia, eu disse tá errado. Ele só quer que passe, né? Que de lá ele não passa nada para nós, não seu padre, o senhor celebrando aqui o senhor já tá é no lucro que nós estamos deixando celebrar, ainda quer que nós passa as coisas para ele, a mais se não passar, ele não vai, problema de novo dele se ele não vinher nós não estamos chamando ele pra vim. mas aí qual o objetivo de

passar. Aí passo aí eles têm poder e autoridade porque ele tem documento. Aí nós que construímos, vamos cantar aquela música que diz ne? estava vendo aquele edifício, moço? Eu também. Aí eu também trabalhei lá, aí não pode meus filhos entrar, não menino. (...) lá nós bate tambor lá porque aqui nós não faz diferença (Arnaldo Lima, 12 de junho de 2022).

O processo de sincretismo também é visto de forma diferente no núcleo da comunidade, ou seja, o sincretismo em seu caráter excludente, que busca branquear as religiosidades afro em prol de transformar esses cultos em uma imagem branca e cristã é interpretado sobre outra visão.

Durante uma roda de conversa no VI encontro de casas de terreiros quilombolas em Custaneira o líder quilombola do quilombo Saco-Curtume, autor das obras *Quilombos, modos e significados* (2007), *A terra dá, a terra quer* (2023), *Colonização, Quilombos: modos e significados* (2015), ao ser questionado sobre os problemas que o sincretismo pode causar para com as religiões afro pontua:

O Quilombo são comunidades politeísta e não sincretizadas e como os politeístas, elas podem ter a divindade que ela quiser, inclusive Jesus. Sem nenhum problema. Então não foi o cristianismo que invadiu a umbanda, foi a umbanda que recebeu o cristianismo e reeditou. A umbanda está tentando contracolonizar Jesus. O primeiro colonizado foi Jesus, o que é que a Europa fez? Tirou Jesus do Egito, o levou para a Itália. Ne? Botou a cor que ela quis em Jesus, Jesus é da oralidade. Ela botou na escrita porque ele não escreve, Jesus não escreveu, mas escreveram por ele escrituraram. Então isso é colonialismo eles escrituraram Jesus, tiraram Jesus do seu território, e pintaram da cor que queriam, então o que a umbanda e nós estamos fazendo é contracolonizando Jesus. (Antonio Bispo dos Santos, 12 de junho de 2022).

A fala de Nego Bispo coloca duas questões em destaque: a primeira está relacionada a sua ideia de contra-colonização, isto é, entender as tradições e os modos de vida daquele povo através de suas próprias vivências e significações. Esse processo de contra-colonização pode ser entendido através da própria história da Custaneira, pois segundo a ideia de Bispo este método de debate serve como instrumento de análise aos modos de resistência indígena e quilombola que não permitiram ser colonizados. Antonio Bispo é um grande mestre do saber com grande notoriedade para o movimento quilombola e para a militância negra. Juntamente com Arnaldo Lima, liderança da Custaneira constroem uma luta ativa dentro da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), sempre estando presente nos eventos e articulações do Quilombo.

Nesse sentido a segunda questão está relacionada a prática da oralidade como um fator de valorização e permanecimento das manifestações religiosas e culturais, no caso da Custaneira a oralidade é a base primordial para esses ensinamentos, em toda as falas de Arnaldo Lima sempre é falado sobre a importância que seus ancestrais tiveram para o seu povo.

nós aprendemos foi escutando e aprendemos ouvindo com a forma que nossos mais velhos, ensinou. Tá aqui, nós reza 100 bendito que nós não sabe quem foi que cantou o primeiro bendito, mas nós estamos cantando até hoje que vai passando de geração em geração e não tem nenhum bendito escrito, nós canta mais de 200 canto de leseira, nós não sabe (...) então os outros nós não sabe quem foi que encantou, mas nós sabe que nós estamos cantando que sabemos que quem cantou foi nossos ancestrais, então é esse saber que nós temos no dia a dia. Isso para nós é uma herança. Que nunca nos dividiu, é uma herança. (Arnaldo Lima, 12 de junho de 2022)

A segunda questão presente nas falas acima está ligada às manifestações religiosas e culturais citadas por Arnaldo Lima e por Nego Bispo. Os benditos de reza, os cantos de leseira⁴, as novenas e os pontos cantados se interligam aos seus ancestrais desde muito cedo, antes mesmo de existir um terreiro de umbanda o Quilombo de Custaneira já era moldado pelos encantados de seu território.

Dona Rita, matriarca do quilombo e uma das sucessoras da tradição das novenas do coração de Jesus e das liturgias que acontecem na semana santa, ao ser questionada sobre as liturgias ressalta que a maioria das rezas e cantos foram os próprios encantados que ensinaram a eles, aqui mais uma vez percebemos o protagonismo negro frente as tradições do quilombo servindo como suportes de memorização em tempos trans históricos⁵.

Leonam Maxney Carvalho, pontua a importância da história oral como sendo capaz de “gerar documentos e fontes históricas, que podem se perpetuar com a finalidade de retornar para seus próprios autores como produto de suas memórias e identidades históricas” (CARVALHO, 2019, p. 49). Na realidade do Quilombo Custaneira a oralidade está presente em toda sua história indo desde as histórias contadas pelos seus ancestrais, que abordam o conhecimento de suas terras o pertencimento de suas nascentes d'água (olhos d'água), as tradições culturais até a manipulação de ervas na produção de remédios, banhos e defumações.

⁴A leseira é uma dança ancestral ligada a resistência da escravidão, os lundus de leseira são versos citados de geração em geração ou criados no momento da dança, utilizando a improvisação e a criatividade. Para iniciar é feito uma roda intercalando um homem e uma mulher, em seguida o puxador de leseira começa a cantar e todos começam a dançar no círculo, o tambor e a cachaça sempre estão presentes, o tambor acompanha as cantigas e a cachaça serve para limpar a garganta dos cantadores.

⁵ “Expressão de Haroldo de campos, no sentido que “(...) fontes orais conseguem escapar a rasura e continuam a manar e fluir onde quer que as culturas não-escritas tenham resistido e sobrevivido no tempo trans-histórico que lhes é peculiar. (ANTONACCI, 2013, *apud*, RISÉRIO, 1993)

2.1 O manuseio de ervas medicinais como proteção para a saúde e saberes espirituais

O uso das plantas medicinais alude a épocas passadas, em que os povos indígenas e africanos utilizavam de uma variedade de processos por meio da cura e da crença em ervas medicinais. As infusões, misturas e experimentos servem desde rituais para doenças, quanto para cerimônias religiosas em grupos indígenas. No caso dos Africanos não foi diferente, com a chegada desses povos novas ervas e conhecimentos adentraram ao Brasil, ligadas sobretudo aos costumes religiosos e terapêuticos. Segundo Juciene Ricarte Apolinário e Tânia Salgado Pimenta (2022, p.1):

Os modos como esses indivíduos enxergaram e se relacionaram com a natureza, sobretudo no território que veio a ser denominado de Brasil, são frutos de momentos históricos do passado que reverberam no presente. Podemos compreender, portanto, que a relação com a natureza, especialmente com as plantas, é historicamente construída.

Esses conhecimentos farmacológicos formam uma medicina popular e ancestral presente, especialmente em sociedades ligadas à oralidade, em que as práticas religiosas e culturais fomentam a utilização de banhos, defumações e rezas com as plantas, servindo como uma herança cultural deixada pelos mais velhos ou pelos encantados, como é o caso do Quilombo Custaneira. Segundo Arnaldo Lima, para tudo pode ser utilizado o tratamento com ervas;

Para inflamação, para xarope, para o sangue, limpeza no sangue, para tudo. Nós usamos tudo [...] Aí nós temos uma garrafada que vai para longe, que é uma de nove ervas, que é para a inflamação de próstata. As que a gente tem tido aqui, pessoas perdendo sangue, mulher perdendo sangue, fica boa. (Arnaldo Lima, 11 de março de 2023).

Na fala acima, podemos observar o vasto conhecimento obtido sobre as práticas de cura, possuindo compreensões próprias de saúde e doença a serem tratados por intermédio desses procedimentos. Esse aprendizado está altamente interligado ao lado religioso, que através do contato com entidades como caboclos, línguas e pretos velhos são feitas essa simbiose de conhecimento. Os terreiros são locais de difusão e troca de saberes servindo como espaço de cura e proteção. Segundo José Marmo da Silva (2007, p.172):

A promoção da saúde nesses espaços é fundamental, pois permite a preservação da própria tradição religiosa, uma vez que o corpo é um dos elos de ligação com os deuses e deusas. A saúde é vivenciada pelos adeptos como o equilíbrio das forças vitais ou harmonia com a natureza.

Ao contar sobre um caso que aconteceu dentro da comunidade, Arnaldo Lima ressalta que embora a medicina tradicional fosse efetuada as práticas medicinais e religiosas não

deixavam de ser utilizadas, dentre elas os banhos de casca de pau, as limpezas do corpo, a defumação, os benzimentos e o ebó foram e são instrumentos essenciais para o auxílio da cura. Outros procedimentos além dos mencionados acima também fazem parte desse mundo afro-religioso sendo eles; “O jogo de búzios, os ebós, o bori, as iniciações, o uso das folhas, ervas raízes e flores, os banhos, as benzeduras, as beberagens, os aconselhamentos.” (SILVA, 2007, p. 174).

É importante notarmos que através dos relatos orais e das práticas vivenciadas na comunidade o aprendizado com seus ancestrais e o contato com os encantados andam de mãos dadas, são valores e tradições tratadas com seu devido respeito e preservação, isso fica evidente na fala a seguir, em que Arnaldo Lima pontua que as práticas religiosas e medicinais estão unidas.

Oiá, questão religiosa, minha avó, meu... A questão dos benzimentos é desde o nascer. Por quê? Quando a criança nasce aqui, a primeira coisa que faz é defumar todos os panos dela com alfazema. E a criança também. Banhar uma criança aqui até um mês banha com a luz acesa, ascende a vela, pra poder banhar a criança. Até um mês, e aí vem todos os benzimentos para a criança, o cachimbo, a criança tá com problema aí quem fuma vem com o cachimbo, e aí joga a fumaça dos pés a cabeça com o cachimbo. São rituais que todo o nosso povo passaram pra nós e nos fez entender o valor de cada rituais da vida” (Arnaldo Lima, 11 de março de 2023)

Esse acúmulo de saberes advindos de sua ancestralidade e das tradições afro-brasileiras como métodos de cura e proteção de doenças, juntamente com os cuidados médicos industrializados não é visto como uma contradição, pois mesmo fazendo uso dessas medicações suas práticas não são dispensadas, pelo contrário Arnaldo Lima, pontua que os comprimidos e medicações muitas vezes são tomados junto com suas beberagens. A cura está ligada a dois fatores, a crença nos saberes de seus ancestrais que utilizavam esses métodos desde muito tempo atrás e no auxílio religioso, servindo como uma ajuda a mais nesse processo, ou seja, aqui o intermédio dos encantados está direcionado não só a cura do corpo, mas também da alma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procuramos abordar a Comunidade Quilombola Custaneira e seus ritos afro-brasileiros, pontuando em um primeiro momento a importância dos quilombos para a construção da resistência e do desenvolvimento das práticas negras vindas de África, entendendo-os como locais formados a partir das táticas de grandes líderes que tinham como objetivo a formação de uma vida livre das amarras escravocratas, ou seja, entendemos os quilombos segundo os relatos de Beatriz Nascimento, como locais de organização ligadas a estratégias de desenvolvimento, formação de teia de relações, troca de mercadorias e alimentos e organização política.

A visão dos quilombos posta acima dialoga com os relatos orais presentes ao longo das entrevistas coletadas no Quilombo Custaneira. Esses relatos evidenciam o cuidado, o reconhecimento e a importância ancestral para a continuidade da luta por seus direitos e para o fortalecimento de suas culturas, tradições e religiosidade. Ou seja, aqui bebemos da ideia posta por Clifford Geertz (1989) sobre cultura, entendendo-a dentro dos parâmetros das condições de existência dos seres humanos, formando processos contínuos das quais os indivíduos se sentem contemplados e cheios de significados através de seus antepassados. O conceito de *ethos* de um povo também está posto neste trabalho, para entendermos como a comunidade é moldada através dos ensinamentos dos encantados no seu dia a dia.

Dentre as manifestações culturais desenvolvidas dentro do Quilombo, observamos a presença dos encantados e o protagonismo que eles ocupam. Nas festividades de São Gonçalo, na tirada de reis, nos benditos cantados durante a semana santa e nas rezas de cura são identificados a presença de seus ensinamentos, muitos deles acompanham o cotidiano da comunidade a muitos anos, Arnaldo Lima, pontua que alguns desses costumes vem de tanto tempo que nem eles sabem quem começou, mas reconhecem a importância que tais práticas desenvolvem para a comunidade. Aqui percebemos a história oral como instrumento que alicerça a construção cultural e social da comunidade.

Outra característica pontuada no trabalho está relacionada ao contato da comunidade com as ervas medicinais, esse é mais um exemplo de como a ancestralidade e o sagrado se misturam em seu dia a dia. Para as religiões afro o corpo representa a morada dos encantados sejam eles; caboclos, pretos velhos, exus e pombas giras. A energia é transmitida através das incorporações onde os médiuns do terreiro são feitos de cavalos para os guias, nesse processo os ensinamentos são compartilhados e os trabalhos são realizados, a limpeza acontece de variadas formas, servindo como um auxílio para os problemas de vida daqueles consulentes.

Esse cuidado com o corpo utilizando métodos como a defumação e banhos de ervas também são reconhecidos desde muito tempo no cotidiano da comunidade, sendo identificados como mandingas de cura e proteção do povo preto.

Por fim, através dos relatos e da bibliografia utilizada percebemos que a construção e a identidade do povo do Quilombo Custaneira estão diretamente relacionadas ao contato ancestral e religioso, o protagonismo e o reconhecimento negro dentro da comunidade reforça esses saberes, enquanto praticas passadas de geração pra geração.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Marília. **Governadora Regina Sousa certifica mestres da cultura como patrimônio vivo do Piauí.** Governo do Piauí, 2022. Disponível em: < Governadora Regina Sousa certifica mestres da cultura como Patrimônio Vivo do Piauí - Governo do Piauí (www.pi.gov.br)>. Acesso em: 18 de março de 2023.
- ANTONACCI, M. A. A Vitória da Razão (?). O IDORT e a sociedade paulista, São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1993. **Memórias ancoradas em corpos negros.** São Paulo: EDUC, 2 edição, 2014.
- APOLINÁRIO, J. R., & PIMENTA, T. S. Natureza e História: produções e saberes sobre as plantas em processos de circularidades científicas e nas relações interétnicas no passado e no presente. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.** Ciências Humanas, 17(1), e20220026. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2022-0026.
- BRAGA, Julio. **Ancestralidade Afro-Brasileira: O culto de babá egum.** 2 ed. Bahia: EDUFBA/Ianamá, 1995.
- CARVALHO, L. M. História Oral, Territorialidades e Identidades Quilombolas. **Faces da História**, v. 6, n. 1, p. 39-61, 21 jun. 2019.
- DELGADO, David Dias. **Cruzes e encruzilhadas: sincretismo e identidade nos terreiros de umbanda.** 2022. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de estudos Pós-Graduados em ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.
- FRAGA, Walter. **Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910).** ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, p. 363. v 1. 2014.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.
- GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: Uma história do campesinato negro no Brasil.** 1ed, São Paulo: Claro Enigma, 2015.
- LIMA, Solimar Oliveira. Sertão Quilombola: Comunidades negras rurais no Piauí. **África Brasil: identidades e diáspora**, Piauí, v. 1, ed. 1, p. 1 - 24, 2015.
- MATTOSO, Katia M. de Queirós. Refúgios e refugos. In: Ser escravo no Brasil. **Brasiliense**, São Paulo. v 2, cap VI. p. 144 - 172.1990.
- NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras. 1 edição. Ed. Rio de Janeiro: **Schwarcz**, 271 p. v. 1. 2021.
- OLIVEIRA, Emanuel Jardel Alves. **“É o sonho da gente indo embora!”: Relações territoriais e a reivindicação existencial da comunidade quilombola Lagoas PI (2005-2014).** Dissertação (Mestrado em história) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte. 2020.

PONTIN, Eduardo. O canto devoto de Dona Rita - **A matriarca do Quilombo Custaneira no Piauí**. GGN, 2022. Disponível em: <O canto devoto de Dona Rita (jornalgggn.com.br)>. Acesso em: 18 de março de 2023.

PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. **Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida**. Tradução. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

PRICE, R. **Dossiê Remanescentes de Quilombo Reinventando a história dos quilombos: rasuras e confabulações**. Afro-Ásia, Salvador, n. 23, 2000. DOI: 10.97771/aa.v0i23.20986. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20986>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SANTOS, Daniely Monteiro; LIMA, Solimar Oliveira. Quilombolas do Piauí: organização para além da terra. In: **Seminário Internacional História E Historiografia, 3.; Seminário de Pesquisa do Departamento de História Da UFC**, 10., 1-3 out. 2012, Fortaleza (Ce). Anais... Fortaleza (Ce): Expressão Gráfica; Wave Media, 2012.

SOUSA, Áureo João de. **Etnicidade e territorialidade na comunidade quilombola Custaneira/Tronco, município de Paquetá – PI, Brasil**. (Mestrado em sociologia) - programa de Pós-graduação em sociologia - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

TAVARES, Dailme Maria da Silva. **A capela e o terreiro na chapada: devoção mariana e encantaria de barba soeira no quilombo mimbó, Piauí**. 2008, 118 f. dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, faculdade de filosofia e ciências, 2008. disponível em: <<http://hd.handle.net/11449/88822>>. Acesso em: 02.ago.2023.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (x) Monografia
 () Artigo

Documento assinado digitalmente
 **MARCELO VICTOR LUZ SOARES**
 Data: 07/11/2023 16:16:44-0300
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Eu, _____,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação “APRENDEMOS OUVINDO COM A FORMA QUE NOSSOS MAIS VELHOS ENSINOU”: A comunidade Quilombola Custaneira e seus ritos Afro-brasileiros” de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 07 de novembro de 2023.

Documento assinado digitalmente
 **MARCELO VICTOR LUZ SOARES**
 Data: 07/11/2023 16:17:58-0300
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

 Assinatura

 Assinatura